

Coleções Etnográficas: chave de muitas histórias[1]

Ethnographic Collections: a key for several histories

por Jane Felipe Beltrão

Resumo: Coleções etnográficas são constituídas por testemunhos materiais de diferentes grupos sociais, preservadas em reservas técnicas de museus e universidades. Testemunhos que possuem valor documental, histórico e simbólico por expressarem a realidade material de uma determinada cultura, além de proporcionarem a leitura das transformações ocorridas. O valor das coleções é reconhecido não apenas pelos estudiosos, mas pelos produtores dos artefatos, na medida em que é possível repassar às novas gerações, através da socialização, o saber específico que diz respeito à fabricação das peças, saber este que não se resume ao saber técnico, mas referenciado pelas origens mitológicas e cosmológicas dos objetos. Na comunicação, trabalha-se dos artefatos das coleções etnográficas sob a guarda da reserva técnica do Laboratório de Antropologia Arthur Napoleão Figueiredo do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Pará, como chave para desvendar significados, reconhecer os sentidos dos artefatos, estabelecer a potencialidade de uso e de comunicação museológica e científica, conhecendo um pouco mais as inúmeras facetas da realidade amazônica.

Palavras-chave: Reserva Técnica; Coleções Etnográficas; Identidade.

Abstract: Ethnographic collections are material testimony of different social groups as artifacts are preserved in museum and universities technical reserves. These testimonies have documental, historic and symbolic value in that they express the material element in a given culture. Moreover, they allow for the identification of changes that may have taken place among such peoples. Reserachers and crafters alike recognize the value of ethnographic collections. Those who produce the artifacts pass onto the next generations knowledge and techniques applied in the production of material culture. Their teachings are not restricted to the technical aspects but also relate to the mythological and cosmologic meaning of each object. Artifacts from the ethnographic collection kept by the Anthropology Laboratory “Arthur Napoleão Figueiredo” at the Anthropology Department of the Federal University of Pará (UFPA), are here taken as means to reveal yet more meanings of the Amazonian reality and to establish potential uses for museological and scientific communication.

Keywords: Technical Reserves; Ethnographic Collections; Identity.

Na Amazônia, no período colonial, passamos pela fase em que só existia o Brasil, que se recusava a conhecer o Brasil amazônico, pois as gentes brancas do sul acreditavam que por aqui nada se fazia de notável, reinava nestas paragens a selvageria anônima e bronca, estereótipos que justificavam ser este recanto, fardo difícil de carregar. Houve recusa em conceber, em pensar a história da Amazônia, sobretudo quando feita por amazônidas. Acreditava-se, e ainda, acredita-se, que não havia/há fontes, pois os nativos da Amazônia não escrevem, não produzem documentos e, portanto, do ponto de vista da história convencional, suas tradições eram indignas, sem credibilidade, pois só permitiam constatações etnográficas que apenas admitem urdir conjecturas (Moniot, 1976).

Com o passar dos anos, os argumentos que obcedavam a *escrita da história* foram sendo usados como elementos de legitimação, passando a ser invocados e exaltados, reforçando as diferenças, mas sem discutir a pluralidade. Foi o momento de esgarçamento das relações coloniais internas e externas. Passado o tempo dos “exageros” nós, os antropólogos, apresentamos testemunhos que podem ser o fiel da balança, posto que resultado de pesquisa de campo que atesta nossa história diversa e plural, as coleções etnográficas abrigadas pela reserva técnica[2] do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Pará. Reuniu-se testemunhos, como ensina Bloch (1993), durante 39 anos. Sob a guarda da reserva encontram-se documentos recolhidos desde a instituição da antiga cadeira de Etnologia Indígena da antiga Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade Federal do Pará pelo Prof. Arthur Napoleão Figueiredo. Os testemunhos etnográficos, sobre os quais versa a presente comunicação, se constituem em um dos muitos acervos[3] existentes na Amazônia. O acervo mais conhecido, tanto pelo conjunto relevante de peças, como pela importância na instituição de uma Etnologia feita a partir da Amazônia, pertence ao Museu

Paraense Emílio Goeldi.

As peças etnográficas que integram a Reserva Técnica do Laboratório de Antropologia *Arthur Napoleão Figueiredo* compõem conjuntos denominados: *Etnologia Indígena*, *População Urbana/Cultos Afro-brasileiros*, *População Interiorana*, conforme denominação conferida por seu primeiro curador[4].

O conjunto de peças denominado *Etnologia Indígena* é oriundo de 12 grupos indígenas, foi recolhido por quatro pesquisadores: Günther Protásio Friel (Domingues-Lopes, 2002), Eduardo Enéas Gustavo Galvão (Gonçalves, 1996), Arthur Napoleão Figueiredo (Maués, 1999) e Anaíza Vergolino-Henry (Maués, 1999), num total de 731 artefatos.

As peças da coleção referentes à *População Urbana/Cultos Afro-brasileiros* foram recolhidas em Belém, a partir de 18 casas de culto afro-brasileiros e oito estabelecimentos comerciais, compondo um expressivo conjunto de 629 peças, coletadas por Arthur Napoleão Figueiredo e Anaíza Vergolino-Henry.

Os artefatos da coleção *População Interiorana* originárias do interior do Estado, coletadas na sede de diversos municípios, nas beiras de rios e estradas e de colônias agrícolas do Pará, totalizam 152 peças recolhidas por Arthur Napoleão Figueiredo, Anaíza Vergolino-Henry e Camillo Martins Vianna (Figueiredo, 1981).

Os artefatos acima referidos possuem um estatuto ímpar, como quer Le Goff (1993) pois revelam bem mais que a arte dos nativos da região. As peças da coleção permitem, quando estudadas,

“... explorar uma sensibilidade; ... que ... é essencialmente uma formação coletiva; e de que as bases de tal formação são tão amplas e tão profundas como a própria vida social, nos afasta daquela visão que considera a força estética como uma expressão grandiloqüente dos prazeres do artesanato.” (Geertz, 1998: pp. 149-150)

Estudar os artefatos, sob a guarda da reserva técnica do Departamento de Antropologia, significa inovar e renovar peças, até então, “encerradas” num acervo que, vez por outra, deixavam/deixam o confinamento para exposições temporárias no Brasil e no exterior, momentos em que são, sempre, muito apreciadas[5]. (Re)contextualizar as coleções etnográficas, no momento em que as identidades amazônicas explodem em meio a fluxos migratórios internos e externos é nossa missão, pois a Antropologia deve manter-se vigilante, atenta às tensões e ao dinamismo social.

Abrindo tesouros

As Reservas Técnicas são importantes para consolidar e fortalecer as ações de pesquisa e comunicação científica dentro de departamentos de instituições científicas, posto que é possível utilizar o acervo etnográfico para produzir e comunicar conhecimentos, especialmente quando os pesquisadores se dedicam a contextualizar os objetos existentes no acervo. É possível, ainda, tornar o acervo objeto de estudo por especialistas (tanto da instituição que é detentora do patrimônio, como por profissionais de fora da instituição) e não especialistas (produtores de artefatos, indígenas e não indígenas), aliás, neste caso, as peças permitem estabelecer um estreito intercâmbio entre estudiosos e produtores.

Mas, para colocar o acervo a serviço do público torna-se necessário classificar, descrever, desenhar e fotografar as peças, abrindo-o para mostras e comunicando resultados de pesquisa, através de produções didáticas, acadêmicas e de comunicação científica.

As coleções etnográficas da UFPA e das demais instituições, na Amazônia ou alhures, se constituem em *dossiês* sobre os processos educativos das sociedades nas quais as peças foram produzidas. Revelam o contexto histórico da produção, da coleta, e do espaço ocupado pelas reservas e/ou museus, além de exercerem fascínio sobre o público ao serem expostas, ou simplesmente apresentadas em atividades didáticas a quaisquer níveis, dentro e fora das Instituições.

Muitos são os liames que podemos entrever a partir das coleções etnográficas, das magníficas diferenças apontadas por Lévi-Strauss (1986), às perturbadoras assimetrias indicadas por Geertz (2001), auxiliando-nos, sobremaneira, a discutir a questão do etnocentrismo, desvendando quem somos, que rosto temos, que identidade(s) nos atribuímos na Amazônia. Afora o fato dos “tesouros reservados” permitirem um contato permanente no campo, facilitando a percepção implícita e empírica da realidade social, identificando os cenários de produção (aldeias, ribeiras, casas de culto), as redes sociais estabelecidas (entre indígenas e não indígenas, no campo ou na cidade), a herança (educação pela experiência, pela tradição), os tempos míticos e rituais de sociedades indígenas e não indígenas (em festas e celebrações), articulando experiência e pesquisa de antropólogos (e outros profissionais, dentre eles: historiadores, restauradores, gestores de patrimônio) e de sujeitos da pesquisa produzindo um diálogo intercultural, remetendo-nos à melhor tradição antropológica, qual seja: fazer etnografia e praticar o método comparativo articulando contextos urbanos e rurais a partir das redes de migração (Niemayer & Godoi, 1998).

Interrogações e reflexões

Que leitura os antropólogos, os produtores culturais, os discentes e os leigos podem ter dos artefatos que fazem parte de coleções etnográficas? As coleções instigam nossa imaginação, forçando-nos a aprender e apreender o que está diante de nós, aí residindo a importância do estudo da diversidade exposta de forma intensa pelas peças que compõem as coleções.

Na Amazônia, temos que pensar a diversidade, os processos educativos e a história de forma bem diferente do que costumávamos fazer, pois exercitar a ciência no *paraíso dos etnólogos*, como diz Maués (1999), implica em descobrir outros caminhos inventando a Amazônia do ponto de vista dos nativos, sem desprezar o ponto de vista do outro, pois é dialogando e relativizando que se controla o etnocentrismo e se nuançam as diferenças.

Analisando textura, morfologia e cores resultantes do emprego de materiais tão diversos, observamos atentamente o contentamento do produtor ao ver um desenho, ao apanhar uma peça não mais fabricada, mas guardada na memória como relicário. O jogo das sensibilidades estabelecido no diálogo pesquisador/sujeito pesquisado pode e, de certo, despertará aspectos até então insuspeitos.

Não há inovação metodológica na proposta de estudar coleções etnográficas, o que se diz parece óbvio, mas fundamenta-se nos alicerces da disciplina, pois cuida de trabalhar em gabinete, como ao final do século XIX, mas requer trabalho de campo à moda de Malinowski, além de indicar diálogo educativo, reunindo assim pesquisa como lastro de atividades que envolvem ensino e, ao mesmo tempo, prática de extensão (serviços voltados à comunidade), pois produtores e pesquisadores ao interagirem podem “reaprender” a partir das peças depositadas na reserva, podem produzir a recuperação das mesmas, na medida em que os produtores ensinam como fazer o artefato e os pesquisadores pensam a conservação e o registro do processo de produção.

Entre histórias

Ao trabalhar em reservas técnicas e com coleções etnográficas o pesquisador pode escolher diversos caminhos. Ao tentar colocar o acervo a serviço do público o pesquisador classifica, descreve, desenha e fotografa as peças para produzir inventários, catálogos entre tantas outras comunicações de resultados. Estas tarefas são fundamentais no que diz respeito à documentação do acervo sob a guarda de uma Instituição, mas as ações não se encerram no registro. Aliás, mesmo sem registro, as coleções podem ser estudadas. É interessante ressaltar que colecionar objetos é prática humana antiga registrada ao longo da história. As coleções talvez tenham “... origem no desejo ambicioso de acumular artefatos da mesma natureza ou um conjunto de itens que guardem alguma relação entre si, ...” (Mendes *et al.*, 2001: p. 11). E, também, não é demais lembrar que as coleções não surgem apenas a partir de prática de pesquisa, os objetos são colecionados sob as mais diversas razões: identitárias, sentimentais, econômicas entre outras e, no geral, são vistas como relíquias.

No caso do Laboratório de Antropologia *Arthur Napoleão Figueiredo* o registro foi executado e as próprias coleções foram constituídas a partir de pesquisas desenvolvidas por profissionais da Instituição ou a ela associados. Entretanto, mais recentemente, as coleções começaram a ser estudadas “em si”, oferecendo excelente material empírico para reflexão e contextualização de objetos coletados na segunda metade do século XX. Nesta, nova perspectiva, encaixam-se os trabalhos de Domingues-Lopes (2002) Lacerda-Lima (2001, 2002 e 2003), anteriormente citados.

Quanto a Domingues-Lopes (2002) o estudo foi além da *Coleção Etnográfica Xikrín do Cateté* não apenas por tentar contextualizá-la, mas sobretudo, pela possibilidade de, estando entre os *Xikrín do Cateté*, poder observar e documentar o uso de 60% dos artefatos da coleção no cotidiano da aldeia e em momentos rituais.

Lacerda-Lima (2001, 2002 a, b) também trabalha para além das coleções. Durante o período que desenvolve atividades junto ao grupo de pesquisa *Cidade, Aldeia e Patrimônio* desenhou 41 peças das coleções etnográficas sob a guarda do Laboratório. Para realizar suas atividades buscou transitar entre as observações, nem sempre pertinentes, de viajantes e naturalistas do século XIX, e as aldeias Juruna (Boa Vista) e Suruí/Aikewára (Área Indígena Sororó) para melhor descrever e reproduzir, via desenhos, os objetos Xikrín e Juruna. No momento, a bolsista prepara catálogo da *Coleção Etnográfica Juruna* como resultado de seu trabalho de IC.

É possível também, em se tratando de coleções etnográficas produzir outros cortes. Exemplificando, pode-se tomar coleções de objetos de uma dada categoria de artefato pertencente a determinado grupo, abrigadas em mais de uma instituição. É o trabalho executado por Carlos Eduardo Chaves que estuda armas entre os Tiriyo a partir de coleções etnográficas sob a guarda do Museu Paraense Emílio Goeldi, que incorporou ao seu trabalho as armas Tiriyo coletadas por Protásio Friel sob a guarda do Departamento de Antropologia. A justificativa do autor é que as flechas, encontradas na reserva técnica da UFPA não possuem exemplares similares no Museu Goeldi, pois as flechas sob a guarda da UFPA apresentam-se como testemunho de contato interétnico, suas pontas foram confeccionadas em ferro.

Utilizar a mesma categoria de artefato para realizar estudo, também, oferece ao pesquisador a chance de discutir comparativamente tanto a confecção de objetos, como a utilização do mesmo por diversos grupos e ainda demonstrar a circunscrição territorial do artefato. No momento, Beltrão, Domingues-Lopes e Mastop-Lima (2002 a,b,c) buscam compreender as noções de brincadeira e de lazer a partir da Antropologia, utilizando, como recurso de apresentação, a multiplicidade de formas de brincar às margens do rio Tocantins no Pará.

Discute-se brincadeira, enquanto conceito nativo prenhe de significados, em contraponto a lazer, noção acadêmica, que norteia formulação de políticas públicas voltadas para a “produção do lazer”. Usam-se situações empíricas e registros encontrados na literatura antropológica, tendo as populações indígenas e não indígenas que habitam as margens do Tocantins, na cidade ou no campo, como referência. Brincadeira e lazer são tomados como “fazer humano”, cultura compreendida em seu sentido mais amplo, experiência vivida em tempo e espaço construídos historicamente.

Para os propósitos traçados, realizou-se levantamento de todos os artefatos, considerados brinquedos, na reserva técnica do Departamento de Antropologia[6]. Após o inventário dos brinquedos, processou-se a descrição dos objetos e o registro de seus usos na literatura e em campo. Na literatura recorreu-se às etnografias sobre grupos indígenas do Tocantins e aos viajantes e naturalistas do século XIX e, em campo, aproveitou-se da convivência mantida pelas autoras com os Suruí/Aikewára e Xikrín do Cateté e populações urbanas e rurais dos municípios de Marabá e Bom Jesus do Tocantins.

Pelo exposto, percebe-se que infinitas são as possibilidades de trabalhar o patrimônio cultural representado pelas coleções etnográficas. Mas estas não são as únicas histórias possíveis de serem contadas. Deixo a cargo dos interlocutores a discussão de outras possibilidades de acordo com o patrimônio, a forma de colecionar, entre outros cortes para conhecer, no detalhe, a cultura de populações amazônicas e as faces escondidas de suas identidades.

Notas

[1] Comunicação apresentada e discutida em seminário aos discentes do Mestrado em Gestão do Patrimônio do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA) da Universidade Católica de Goiás (UCG), em 30 de maio de 2003, em Goiânia – Goiás – Brasil. A proposta que dá origem à comunicação foi aprovada, como projeto de pesquisa, dentro do PNOPG/CNPq. Sobre o assunto consultar: BELTRÃO, Jane Felipe *et al.* *Coleções etnográficas: testemunhos da educação, história e registro da diversidade na Amazônia*. Belém, UFPA, 2000 (mimeo).

[2] Chama-se reserva técnica ao espaço onde, no Laboratório, se acondiciona e conserva as coleções etnográficas pertencentes à Instituição. Os testemunhos lá depositados são documentos ativos, em constante movimento entre exposições temporárias, empréstimos e pesquisas tanto no passado, como no presente, por intermédio da ação do grupo de pesquisa *Cidade, Aldeia e Patrimônio*.

[3] Denomina-se acervo o conjunto das coleções etnográficas pertencentes ao Laboratório que, são vistas como documentos ativos e integrados às atividades quotidianas da Instituição.

[4] Sobre o assunto, consultar: FIGUEIREDO, Arthur Napoleão. *As coleções etnográficas da Universidade Federal do Pará*. (Catálogo) Belém, DEAN/UFPA, 1981. (mimeo). Diferentemente, do acervo pertencente ao Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) tombado junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), as coleções trabalhadas são tombadas, unicamente, como patrimônio pertencente à UFPA. Atualmente, a equipe do projeto *Coleções etnográficas: testemunhos da educação, história e registro da diversidade na Amazônia*, sob minha supervisão, realizou inventário do acervo com vistas ao tombamento, como patrimônio cultural. Sobre o assunto, conferir: DOMINGUES-LOPES, Rita de Cássia *et al.* *Coleções etnográficas: Etnologia Indígena, População Urbana/Cultos Afro-brasileiros e População Interiorana*. Belém, UFPA, 2003 (mimeo).

[5] Por ocasião das exposições temporárias os visitantes, ao assinarem o livro de registro, não deixam de apor comentários sobre os “tesouros resplandecentes” pertencentes à UFPA. Segundo informações de Marilú Marcia Campelo os praticantes de cultos afro-brasileiros lembram, ainda hoje, de exposição realizada no Museu da UFPA quando não apenas as peças foram expostas, mas seus usuários tiveram oportunidade de admirá-las e de demonstrar a utilização das mesmas em momentos de festa, além de vê-las admiradas e compreendidas por terceiros.

[6] Foram encontrados 20 brinquedos, que segundo a classificação estão inseridos na categoria *objetos rituais, mágicos e lúdicos*, referentes a quatro grupos indígenas: Anambé, Suyá, Trumai e Xikrín. O levantamento foi realizado pela antropóloga Rita de Cássia Domingues-Lopes.

Referências Bibliográficas

BELTRÃO, Jane Felipe *et al.* *Coleções etnográficas: testemunhos da educação, história e registro da diversidade na Amazônia*. Belém, UFPA, 2000 (mimeo).

BLOCH, Marc. *Os Reis Taumaturgos – o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra*. São Paulo, Cia das Letras, 1993.

DOMINGUES-LOPES, Rita de Cássia. *Desvendando significados: contextualizando a Coleção Etnográfica Xikrín do Cateté*. Dissertação de Mestrado em Antropologia/UFPA, Belém, 2002 (mimeo).

_____, Rita de Cássia *et al.* *Coleções etnográficas: Etnologia Indígena, População Urbana/Cultos Afro-brasileiros e População Interiorana*. Belém, UFPA, 2003 (mimeo).

FIGUEIREDO, Arthur Napoleão. *As coleções etnográficas da Universidade Federal do Pará*. (Catálogo) Belém, DEAN/UFPA, 1981. (mimeo).

- GEERTZ, Clifford. Nova luz sobre a Antropologia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2001.
- GEERTZ, Clifford. O Saber Local: novos ensaios de antropologia interpretativa. Petrópolis, Vozes, 1998.
- GONÇALVES, Marco Antonio. Diários de Campo entre os Tenetehera, Kaioá e Índios do Xingu – Eduardo Galvão. Rio de Janeiro, Editora UFRJ/Museu do Índio/FUNAI, 1996.
- LACERDA-LIMA, Maria do Socorro. Apinagés, Tupinambás, Tamoios, Pariquis, Caripunas, Mundurucus e Timbiras todos no chão, num horizonte perdido pelas ruas do Jurunas. Plano de Trabalho de Iniciação Científica/UFPA, Belém, UFPA, 2001 (mimeo).
- _____. Os Yudjá (Juruna) e a conquista portuguesa: um estudo etnohistórico a partir de testemunhos. Plano de Trabalho de Iniciação Científica/UFPA, Belém, 2002 (mimeo).
- _____. Altamira – cidade dos índios. Relatório de Viagem/UFPA, Belém, 2002 (mimeo).
- LE GOFF, Jacques. “Prefácio” IN Os Reis Taumaturgos – o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra. São Paulo, Cia das Letras, 1993: 9-37.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. O olhar distanciado. Lisboa, Edições 70, 1986.
- MASTOP-LIMA, Luiza de Nazaré. O “tempo antigo” pelos Suruí/Aikewára: um estudo sobre mitos e identidade étnica. Dissertação de Mestrado em Antropologia/UFPA, Belém, 2002a (mimeo).
- _____. Artefatos Suruí: fabricando a identidade Aikewára. Relatório de Viagem/UFPA, Belém, 2002b (mimeo).
- _____. Conhecendo os Povos Indígenas do Xingu: relatório de trabalho de campo em Altamira. Relatório de Viagem/UFPA, Belém, 2002c (mimeo).
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. Uma outra “invenção” da Amazônia. Religiões, Histórias, Identidades. Belém, CEJUP, 1999.
- MENDES, Marylka et al. (orgs.) Conservação: conceitos e práticas. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2001.
- MONIOT, Henri. “A História dos povos sem história” IN História: Novos Problemas. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976: 99-112.
- NIEMEYER, Ana Maria & GODOI, Emília Pietrafesa (orgs.) Além dos territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos. Campinas, Mercado das Letras, 1998.

Sobre a autora / About the Author:

Jane Felipe Beltrão

jane@ufpa.br

Antropóloga e historiadora, professora junto ao Departamento de Antropologia (DEAN) do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Líder do Grupo de Pesquisa/Plataforma CNPq *Cidade, Aldeia e Patrimônio*.

Endereço: Av. Conselheiro Furtado, 3434, apto. 203 A; Bairro do Guamá; 66.073-160 – Belém – Pará – Brasil.